

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
IN MEMORIAM WILLIAM HURT  
23 de maio de 2022**

**GORKY PARK / 1983  
(O Mistério de Gorky Park)**

*de Michael Apted*

*Realização:* Michael Apted / *Argumento:* Dennis Potter, adaptado de um romance homónimo de Martin Cruz Smith / *Direção de Fotografia:* Ralf D. Bode / *Montagem:* Dennis Virkler / *Música:* James Horner / *Produção:* Gene Kirkwood, Hawk Koch / *Produção Associada:* Efrem Harkham, Uri Harkham / *Produção Executiva:* Bob Larson / *Interpretações:* William Hurt (Arkady Renko), Lee Marvin (Jack Osborne), Brian Dennehy (Detective William Kirwill), Ian Bannen (Procurador-chefe Iamsky), Joanna Pacula (Irina Asanova), Michael Elphick (Pasha), Richard Griffiths (Anton), Rikki Fulton (Major Pribluda), Alexander Knox (General), Alexei Sayle (Golodkin), Ian McDiarmid (Professor Andreev) / *Cópia:* 35 mm, a cores, falado em inglês e legendado em português / *Duração:* 127 minutos / *Estreia Mundial:* 16 de dezembro de 1983, nos Estados Unidos / *Estreia Nacional:* 28 de setembro de 1984 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*

*Thriller* “procedimental” de produção americana repleto de bicadas ao país inimigo, a União Soviética, retratando-o como um antro de corrupção em que os justos ou os bons da fita querem fugir ou ajudar outros a se evadirem, buscando a felicidade noutras paragens (nomeadamente nos Estados Unidos, claro). Fora esta dimensão datada e “instrumental” ou “panfletária”, diga-se que há alguns motivos de interesse aqui, começando exatamente pela forma artificiosa como foi contornada a impossibilidade de se rodar *in loco*. O inglês Michael Apted e a sua produção americana viram a tentativa de filmar em Moscovo bloqueada pelo regime soviético por, alegou este, a história adaptada do romance de Martin Cruz Smith transmitir uma imagem negativa do país. Num exercício fulgurante de geografia criativa, para usar a expressão de Lev Kulechov, Michael Apted, realizador também associado ao universo documental com a sua fabulosa série televisiva **Up** (1964-2019) e que conheceria o seu maior êxito popular com **Gorillas in the Mist: The Story of Dian Fossey** (1988), protagonizado por Sigourney Weaver, rodou **Gorky Park** integralmente numa Moscovo recriada em plena Helsínquia – uma das maiores ousadias *on screen* levadas a cabo por este realizador que nos deixou há pouco mais de um ano.

Num cenário recriado, Apted tentou refletir o que restava do brilho da veterana estrela Lee Marvin (num dos seus últimos papéis) e puxar o lustro de um William Hurt que prometia muito, sensivelmente desde o sucesso de **Body Heat** (1981), a sua primeira colaboração com Lawrence Kasdan. Por muito notável que seja o elenco e, em particular, a espetacular (re)construção de todo um país para a câmara de Apted ver e filmar (uma espécie de visita turística, de propósito eminentemente político, do cinema americano ou anglófono ao “outro lado da Cortina de Ferro”), não podemos negar que, de facto, este filme vinha fundamentalmente alertar para a teia de corrupção que minava os alicerces do aparelho de Estado, visando, desde logo, a qualidade humana dos serviços secretos, vulgo KGB: “KGB decides what interests KGB”, avisa o sinistro Major Pribluda, falando à maneira de um especulador de Wall Street que lida com os seus “interesses” na bolsa. É aqui, nestes meandros – enfim, está visto, onde “não é chamado” – que o protagonista interpretado por William Hurt, um “impertinente” inspetor da polícia (a designada Milícia), vai meter o nariz.

Hurt não seria a primeira escolha para interpretar o protagonista de **Gorky Park** (Dustin Hoffman e Robert Redford estavam no topo da lista), o que talvez explique um certo desfasamento em relação ao perfil da sua personagem. Arkady conforma-se desde o início do filme com a sua condição de subalterno, homem na base da estrutura de poder que aceita, com algum sentido auto-depreciativo, a sua condição de pessoa pouco sofisticada. Arkady é também o filho de um antigo herói militar, sendo, contra o exemplo do pai, que os superiores hierárquicos o medem, do ponto de vista da sua estatura profissional. O tema da alegada “não-sofisticação” de Arkady vai atravessando este filme, como quando interage pela primeira vez com o detestável americano encarnado por Lee Marvin, Jack Osborne, um traficante de peles de zibelina que leva o seu negócio em território “inimigo” até às últimas consequências, inclusive subornando as ditas altas patentes a quem Arkady deve uma postura humilde, os bons modos e a apresentação “impecável”. Numa conversa informal com o americano de atitude insolente, Arkady é alertado por este para o facto de ter o lábio superior sujo de comida. Momentos antes no filme, o seu superior comparava-o com o falecido pai, notando como este se apresentava sempre tão impecável e asseado – por contraste, naturalmente, Arkady é retratado como um desleixado, o que é sinónimo, dentro de um certo protocolo policial e de Estado, de uma condição subalterna, baixa, sem nobreza e de um carácter pouco ambicioso.

Apesar dessa caracterização, Hurt parece estar sempre dois passos adiante de toda a gente, o que, num *thriller*, dificulta (ou facilita demasiado) a nossa entrada na história. Passados poucos minutos, e ainda no local do crime que vai espoletar uma investigação extremamente inconveniente para os poderes instalados, Arkady já se sente capaz de confidenciar que o escabroso homicídio – que levou à morte e “esfacelamento” de três pessoas – cheira a KGB. Ao mesmo tempo, os vilões têm a sua vilania como que estampada na testa e nos seus jeitos, ao passo que Hurt, por muito que colem à sua personagem todos esses adjetivos pouco abonatórios, aparece imbuído de uma confiança, determinação e omnisciência (um sentido de justiça que transcende, largamente, o contexto que o produziu), no mínimo, desconcertantes. Por isso mesmo, a tentativa de ver nesse desleixo na compostura uma espécie de resistência silenciosa contra o regime é um artifício de caracterização algo postiço.

A pouca credibilidade – ou espessura – dramática do filme é compensada pelo seu tema maior, tão político quanto filosófico, tão pertinente para o público americano como para um hipotético público não-americano: as aparências. É a personagem de Joana Pacula, Irina, que avisa logo a abrir não confiar em ninguém, sendo que o nó mais difícil de desatar para Arkady vai ser o de convencer esta da morte de uma amiga sua pelas mãos do carnicheiro Osborne, estando este protegido pela tal malha corrupta do Estado soviético. As aparências iludem, de facto: Arkady não é o tal polícia inapto que parece ser, tão-pouco Irina domina assim tão bem essa fundamental arte de sobrevivência na União Soviética, por volta de 1983: a arte de desconfiar. A rede da intriga alastra-se tanto mais quanto o casal de protagonistas, Irina e Arkady, entretanto ligados romanticamente, vai puxando – e seguindo – o novelo de uma investigação que tinha tudo, na aparência, para se tornar inconclusiva. Infelizmente, não há grandes surpresas aqui: apenas a confirmação de que tudo está podre e que é preciso assumir, sem dramas, o lábio sujo.

Luís Mendonça